



Universidade de Brasília  
Letras - Língua Portuguesa e Sua Respectiva Literatura

GABRIELA CAROLINA CAMPOS GONÇALVES

**A ESPERA DE PENÉLOPE: PERSPECTIVA FEMININA A PARTIR DOS  
POEMAS DA OBRA *LINHA LABIRINTO*, DE MÔNICA DE AQUINO.**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como pré-requisito para a  
obtenção do grau do curso de Letras  
Português, orientado pela professora Dr<sup>a</sup>  
Fabrícia Wallace Rodrigues.

BRASÍLIA  
2021

## **A espera de Penélope: perspectiva feminina a partir dos poemas da obra *Linha, Labirinto*, de Mônica de Aquino**

Gabriela Campos  
Universidade de Brasília

### **Resumo**

Penélope é uma personagem grega que esperou por vinte anos o retorno do seu marido da Guerra de Tróia. Mônica de Aquino na obra *Linha, Labirinto*, traz por meio de seus poemas a visão da personagem sobre os dilemas que enfrentou durante esse período. Neste trabalho, apresenta-se brevemente um panorama sobre a história da mulher na literatura e, em seguida, a análise dos poemas do livro *Linha, Labirinto*. Penélope é apresentada aqui como heroína e um dos pilares da epopeia *Odisseia*, seguindo uma perspectiva feminina que mostra a importância de revisitar obras clássicas para a legitimação de personagens mulheres.

**Palavras-chave:** Feminino. Literatura. Mulheres.

A mulher tem sua criação narrada de maneira secundária perante o homem na mitologia Grega, assim como acontece no Cristianismo. Eva nasceu da costela de Adão e foi por sua culpa que os dois foram banidos do paraíso e apresentados ao pecado. Pandora, a primeira mulher a ser criada na mitologia, foi enviada por Zeus como uma punição aos homens e trouxe consigo todos os males que assombram o mundo até os dias de hoje. Coube à mulher esse papel de degradação e inferiorização, defendido por grandes pensadores como Aristóteles, segundo o qual força e inteligência eram características exclusivas do homem. Essa visão religiosa e mítica contribuiu muito para os arquétipos que sondaram as mulheres na Antiguidade e sua conseguinte opressão. Michele Perrot discorre sobre como a mulher já foi considerada um ser inferior e defeituoso:

As mulheres não são apenas diferentes: modelagem inacabada, homem incompleto, falta-lhes alguma coisa, são defeituosas. A frieza da mulher se opõe ao calor do homem. Ela é noturna, ele é solar. Ela é passiva e ele, ativo. O homem é criador, por seu sopro, o pneuma, e por sua semente. Na geração, a mulher não passa de um vaso do qual se pode esperar apenas que seja um bom receptáculo (PERROT, 2007, p.23)

Todavia, com o passar do tempo, as mulheres ocupam cada vez mais os seus lugares de direito na sociedade, o que faz repensar também toda a visão que carregou durante tantos anos nas artes, em especial, na literatura. Segundo Thomas Bonnici (2007, p. 49), “a finalidade da crítica literária e de leitura feminista é focalizar a constituição do estilo, da imagística e das características do patriarcalismo numa determinada obra”. O olhar crítico

partindo do ponto de vista feminino permite que obras sejam revisitadas e personagens femininas finalmente recebam a interpretação merecida levando em conta suas singularidades.

A literatura existe em todas as civilizações, desde as tribos mais antigas até a vida diária nas grandes cidades contemporâneas. Seja nos livros clássicos ou nas paredes da capital, a expressão da linguagem pode ser considerada como expressão literária. A definição mais antiga comumente usada pelos teóricos da literatura foi construída por Aristóteles. Para os pensadores gregos, a literatura é a imitação da realidade ou a reprodução por meio das palavras.

Para Afrânio Peixoto (1940), a literatura é como o sorriso da sociedade. Quando a sociedade está feliz, o espírito se reflete nas artes e, na arte literária, com ficção e com poesias, as mais graciosas expressões da imaginação. Viktor Chklovski (1973) conceitua Literatura como as demais formas de arte, com a capacidade de provocar no leitor um estranhamento diante da realidade, como se a víssemos pela primeira vez, sob um prisma diferente. Na visão conceitual de Afrânio Coutinho (2003), a literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra e cuja finalidade é despertar no leitor ouvinte o prazer estético. Logo, sua crítica deve obedecer a esses elementos intrínsecos.

Atualmente, a definição de literatura não parece ser uma questão simples. Isso porque, dependendo da civilização ou da época de produção, uma obra pode ou não ser considerada uma obra literária. Em todo caso, pode-se dizer que a literatura é qualquer forma de expressão da linguagem cujo objetivo é a expressão estética - ou seja, a literatura é uma espécie de discurso, que não apenas transmite algo, mas também constrói uma declaração de beleza ou sensibilidade e humanidade. O nível profundo de transformação.

A literatura é uma grande ferramenta de poder, uma definição de conceitos e repertório, combinada com inúmeros elementos ideológicos e visões de mundo, para orientar a interpretação da realidade e todos os seus conjuntos de símbolos. Entretanto, o espaço de fala na literatura foi por muito tempo monopolizado por homens. Além disso, existem diferenças significativas na produção de escritores e escritoras. Em obras escritas por mulheres, mais da metade das personagens são do sexo feminino, bem como mais de 60% dos protagonistas e quase 80% dos narradores. Nas obras de autoria masculina, a presença de mulheres não passa de 33%, sendo 14% dos personagens e 16% dos narradores (DALCASTAGNÈ, 2012)

Esses números refletem a pouca visibilidade do gênero feminino nas séries da literatura e a redução da representação e voz das mulheres na própria construção da cultura. A

pesquisa de Dalcastagnè (2012) mostra que os escritores do sexo masculino representam as mulheres de uma forma estereotipada: elas são donas de casa, artistas ou não têm carreira formal. Essa visão das mulheres tem levado a discussões sobre a construção das representações sociais, as quais se desenvolvem por meio de um conjunto de ideias que existem na interação entre os sujeitos, e que certos conceitos e classificações daí decorrentes são produzidos ou consumidos por nós. Segundo Simone Beauvoir (1980), embora os homens sejam apresentados de forma grandiosa como heróis e conquistadores, as mulheres são ignoradas ou apresentadas como insignificantes ou frívolas, privadas da autonomia necessária para um melhor desempenho no campo da literatura, sexualidade e subjetividade.

Na Grécia antiga, ser mulher imputava em um cargo social extremamente baixo em que não eram permitidas coisas como opinar, falar em público, estudar e participar de decisões políticas. Às mulheres cabiam as funções de procriar, cuidar do lar, da família e lidar com trabalhos manuais. Mulheres mal eram consideradas como indivíduos, vivendo assim à sombra de seus maridos que as representavam socialmente, tendo em vista que eram reconhecidas conforme a posição ocupada por seus companheiros. Logo, se ficassem viúvas, tinham a obrigação de encontrar outro esposo para representá-las. “Os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos” (PERROT, 2007, p.16).

É nesse contexto que se passa a epopeia *Odisséia*, de Homero, que narra as aventuras de Ulisses durante o seu retorno para casa após a Guerra de Tróia. Ulisses era casado com Penélope, filha do príncipe espartano Icário, e juntos tinham um filho, Telêmaco, que ainda era criança quando Ulisses partiu. Antes de ir, Ulisses orientou Penélope a só se casar novamente quando Telêmaco fosse adulto, designando a ela o governo de Ítaca.

Foram dez anos em guerra e dez anos em viagem para que o retorno de Ulisses finalmente acontecesse. Com o passar dos anos, a pressão para que Penélope se casasse novamente era grande e, por ser rainha de Ítaca, não lhe faltavam pretendentes. Fiel à espera pelo marido, Penélope traçou um plano para adiar as novas núpcias: falou que se casaria novamente após tecer uma mortalha para o sogro Laertes. Penélope, arditamente, tecia a mortalha durante o dia e desfazia todo o trabalho durante a noite.

Essa espera personificou Penélope como símbolo da feminilidade que se mantém esperançosa e leal, enquanto tece e espera pacientemente, como uma boa esposa, pelo marido. Segundo a visão arcaica da Grécia antiga, Ulisses é o modelo de homem ideal e Penélope, por tais motivos, a mulher. Penélope foi interpretada por muitos apenas como uma mulher frágil, submissa e que vivia aos prantos pela falta do marido “chorou por Odisseu, caro esposo, até sono doce lançar-lhe sobre as pálpebras Atena olhos-de-coruja” (HOMERO, canto I).

Entretanto, Penélope é um dos fortes pilares da história. São suas habilidades e inteligência que permitem que ela trace, sutilmente, o seu próprio caminho e tome as decisões sobre sua vida, coisas que eram incabíveis antes a qualquer mulher.

Neste trabalho, apresenta-se como objeto de estudo a obra *Linha, Labirinto* da escritora Mônica de Aquino, onde é proposto uma modificação da ideia de espera da personagem Penélope a partir de poemas.

“Saberão, talvez, que esta história foi escrita por uma mulher. Deixo algumas pistas, também disfarço. Saberão que Ulisses não existiu.” (AQUINO, 2020, p.25) Assim começa o primeiro poema da obra *Linha, Labirinto*, que reinventa a personagem Penélope à medida que ilustra os seus anseios e angústias como uma mulher que já não quer viver à sombra do marido que um dia se fez presente. Penélope se desgarrar da ideia de esposa devota em *Linha, Labirinto* e se desdobra em suas subjetividades demonstrando ser, como toda mulher, muito mais do que aquilo que se espera dela. Aos olhos de Aquino, Penélope vai se transformando, ou melhor, finalmente mostrando que a sua espera não teve a ver unicamente com Ulisses. A perspectiva feminina presente no livro é o que traz a força e a sensibilidade que são tão presentes em cada verso e vai aos poucos quebrando os arquétipos que sondam Penélope, trazendo a sua versão dos anos de espera seguindo uma perspectiva feminina que conversa com questões da contemporaneidade.

*Linha, Labirinto* propõe um diálogo que não termina quando acaba o livro. Aquino, junto com os outros autores convidados, deixa um espaço aberto para essa história que pode ser repensada e reescrita, assim como Penélope refaz, todas as noites, a mortalha. Alguns dos poemas de Aquino presentes nessa obra são originalmente de outro livro, *Fundo Falso*. Não é sem razão que o processo de tessitura seja tão latente nos versos de Aquino, ela mesmo fez e refez os seus escritos. O próprio nome do livro nos remete a um emaranhado de histórias e ideias. Uma linha que percorre livremente um labirinto enquanto cria forma durante o percurso.

Os poemas de *Linha, Labirinto* ressaltam como a existência de Penélope é essencial para que exista, do outro lado, um Odisseu. Enquanto seu marido age heroicamente em guerra, Penélope é sua própria heroína ao passo que faz da tecelagem, trabalho doméstico e unicamente feminino, sua maior artimanha para enganar tantos homens que se achariam tão mais espertos do que ela. Penélope é a base da tradição grega, não é à toa que aos olhos de Aquino ela se compara com as próprias Moiras como alguém que tece conscientemente o seu destino. Penélope não foi só uma personagem que esperou por 20 anos o regresso do seu marido, foi também uma mãe que criou sozinha o seu filho, que aprendeu a lidar com os seus

desejos, anseios, solidão e que usou de artimanhas para se manter fiel a sua vontade e princípios, tudo enquanto enfrentava a pressão de ser rainha de Ítaca. Entretanto, a sua memória está atrelada a um homem. Aquino, em uma mistura de força e sutileza, dá voz a essa mulher que pode ser encontrada em outras tantas até os dias de hoje.

No poema “Ulisses Não Existiu”, fica clara a intenção da autora de que será a visão de Penélope que dará vida a todas as páginas seguintes. Um dia existiu um marido que foi à guerra e não voltou, e desde então, Penélope vive com a memória do que um dia foi Ulisses e idealiza sua imagem enquanto lida com a realidade, que consiste em tantos anos de espera, a pressão de um novo casamento e um filho já crescido.

Saberão, talvez, que esta história foi escrita  
por uma mulher  
deixo algumas pistas, também disfarço  
saberão que Ulisses não existiu,  
melhor:  
houve um marido, que foi à guerra  
e não voltou  
sobre ele invento outro - a odisseia  
deste retorno - até mim, invento  
vinte anos  
(AQUINO,2020, p.25)

No poema “O Mapa que percorro” Penélope tece a mortalha como se costurasse um mapa de volta a Ítaca para Ulisses.

Pela manhã, costurar o mapa.  
Tecer o sudário dos dias  
ensina-me a tecer a morte  
e a vida.  
Cloto me dá estes fios  
Láquesis mostra os destinos  
em novelo: escolha.  
(AQUINO,2020, p.26)

As moiras, responsáveis na mitologia por decidir os destinos e cortar o fio da vida dos seres humanos, são citadas. Cloto, que em grego significa "fiar" entrega o fio da vida de Ulisses para Penélope. Láquesis, que em grego significa "sortear", é a responsável por decidir os caminhos a serem tomados pelo herói. Nesse momento, Penélope parece tomar o tear de Láquesis e agora é quem tece o destino de Ulisses como se fosse uma das moiras “sou eu quem trama o caminho de casa, invento atrasos e riscos” (AQUINO, 2020, p.26). Até chegar o momento da terceira moira, Átropos, que em grego significa "afastar", ela era a responsável por ditar o fim da vida. E é mesmo Penélope quem trama o destino de Ulisses quando tece e

destrói a mortalha, um atraso que cria mesmo sabendo dos riscos. Mas faz isso não somente pensando no marido, acima de tudo, leva em conta o seu próprio destino

A figura feminina se faz essencial em toda trajetória de Ulisses. Homero coloca várias mulheres no caminho de Odisseu, mulheres sobrenaturais e com características míticas, que tentam, de certa forma, persuadir Ulisses a não retornar. Não é novidade que, desde os tempos antigos, a mulher seja representada também como esse ser instigante que desvia e traz complicações ao homem, mas, na verdade, o papel feminino é de cunho fundamental para a obtenção do retorno.

“Veja, são mulheres que te guiam até aqui: Circe, Calipso, as sereias, também Palas Atena” (AQUINO, 2020,p.26). Atena, Circe e Calipso também tramam o destino de Odisseu, mas sem a astúcia de Penélope, este não teria terminado o seu caminho recuperando a sua identidade como homem, marido, pai e rei. No poema”Fio Tesoura Pano”, Aquino discorre:

Com muita disciplina de gestos  
faz da espera um projeto abstrato  
resistência, desafio aos dias.  
O que há de concreto é a luta  
entre fio tesoura pano  
entre planos e recusa de escolhas  
Ulisses vira uma ideia.  
É a si que Penélope espera.  
(AQUINO, 2020, p.32)

Segundo Raquel Efraim, “por meio da tessitura da mortalha ofertada a Laertes, Penélope tece o fio de sua própria vida e vence o poder masculino. A rainha fiandeira tece um manto, mas tece, acima de tudo, um ardil.” (EFRAIM, 2012). No poema “Fio Tesoura Pano”, Aquino mais uma vez nos faz entender que o retorno de Ulisses agora não passa de uma idealização. “O retorno de Ulisses trará à Penélope implicações diversas, inclusive a perda de poder por parte desta, que governa, não apenas Ítaca, como também sua própria vida.” (EFRAIM, 2012). É a si mesma que Penélope permanece fiel depois de tantos anos. A mortalha não é mais um artifício para se manter próxima a Ulisses, é um artifício de autopertencimento.

Nos vinte anos que se seguiram durante a espera por Ulisses, Penélope nunca cogitou se casar novamente. Resistindo a todas as pressões, ela se comprometeu a só se casar com outro pretendente depois de tecer uma mortalha para o sogro. Por isso, tecia durante o dia e desmanchava todo o trabalho durante e noite.

No poema "Insone", Aquino apresenta uma Penélope que se recria enquanto tece. O seu processo de tecer uma mortalha já não é mais um exercício para manter outro homem longe na esperança de manter o lugar reservado para Ulisses, mas para continuar a criar seus próprios percursos. Isso é reafirmado por Aquino (2020, p. 29) no poema "Entre Duas Promessas", quando é dito que o que Penélope prioriza é o seu próprio eu "Penélope mente: o que quer é a solidão". Não faz sentido para Penélope se casar com outro homem, como também a volta de Ulisses já não é seu alicerce.

[...]Recriar-se inexata sem simetria  
até terminar o diagrama de escolhas.  
Só então destruir, com agulha e tesoura  
cada amor imaginado.  
Conservar apenas a memória das mãos  
sobre o tecido, o percurso do fio  
a desfazer o possível antes da aurora.  
Penélope dissolve-se na hipótese:  
quer conhecer, em detalhes, o manto  
que a separa do outro.  
Tece o pano como quem toca  
o corpo de um homem, de cem homens  
desfaz a mortalha como se destruísse um véu[...]  
(AQUINO, 2020, p. 27)

A aversão de Penélope à ideia de um novo casamento é tanta que Fabíola Padilha (2008), escreve uma hipótese sobre a "forma que Penélope exerce uma participação ativa e imponderavelmente indispensável nos rumos que conduzem à matança dos pretendentes." Para Efraim, "O retorno de Ulisses significa para a rainha a volta do seu amado, mas também a perda do poder que adquiriu com sua ausência". Penélope, como a estrategista que revela ser, não abriria mão da visão que tomou de si por conta de um outro homem.

Por mais que Penélope, na visão de Aquino, já se enxergasse com o poder e autoridade que tinha, essa visão só pertencia a ela. Aos olhos dos outros, ela continuava a ser apenas uma mulher com o seu lugar já definido pela sociedade. Quando Telêmaco, filho de Penélope e Ulisses, profere

Para teu quarto recolhe-te e cuida dos próprios labores,  
roca e tear, e as criadas solícitas ordens transmite  
para que tudo executem, que aos homens importa a palavra,  
mormente a mim, a quem cumpre assumir o comando da casa  
(HOMERO, 2001, p. 37-38, v. 350 a 355).



Fica evidente que Penélope não tinha voz ativa, por mais que fosse a rainha. Sobre Telêmaco, alguns versos presentes no poema “Onde o Ódio” chamam atenção quando Penélope, além de todas as outras angústias que enfrentava, toma para si a responsabilidade da ausência de um pai para o filho.

[...] Penso no jeito dele me repreender, a que consentia  
como um exercício de dureza  
para que suportasse ser filho de um herói  
para que não excedesse o ódio  
-era preciso que em mim o dissipasse um pouco  
Para que não odiasse o mundo  
precisou odiar-me, sim, por vezes, proteger sua memória  
ou, antes, a invenção de uma origem.  
Adulto, mandava-me ao quarto, as ordens eram suas  
dizia-se senhor do palácio, e eu entendia  
este caminho até você: precisava também partir  
mas estava ali, no frio, na fome, na espera [...]  
(AQUINO, 2020, p.43)

O tecer, que contém em sua origem vínculo etimológico com a palavra texto, foi por muitos anos uma forma de expressão das mulheres na antiguidade. O próprio nome de Penélope já faz ligação com a sua relação com o tear. “Pene” em grego significa fio de tecelagem. O substantivo grego “*penelopeia*” significa dor.

Platão, no texto *O Político* afirma que a tecelagem, entre todas as artes, é a que mais se aproxima da arte de governar. Vale também ressaltar que a tecelagem fortalecia a relação entre *polis* (cidade - estado) e *oikós* (família - casa), já que as mulheres se reuniam para tecer e acabavam por endossar informações e opiniões que interferiam no andamento do setor público.

Pois a tarefa exclusiva da tecelagem real consiste em nunca permitir que o temperamento equilibrado se aparte do forte, senão em urdi-los em uma única trama por meio de opiniões comuns, honrarias, penas infamantes e permutas de reféns, e depois de aprontar com eles um tecido liso e , como se diz, belo de ver, conferir-lhes sempre em comum os cargos de direção da cidade (PLATÃO, 1980, p. 180).

Segundo John Scheid e Jesper Svenbro (2010, p. 15)) em suas definições da importância da tecelagem

Entre as representações que os gregos fizeram do social, dos laços entre os homens e da coesão do grupo humano, e até mesmo da cidade, há uma talvez mais do que todas as outras, que parece fabricar o social: a tecelagem. Doméstica ou política, profundamente ritual, a tecelagem opera um conjunto de noções suscetíveis de se inscreverem na memória coletiva, assim como tantos outros gestos que permitem apreender o social, tocá-lo.

É por meio da tecelagem que Penélope se comunica, não com o mundo exterior, mas com suas próprias vontades, e vence o silêncio imposto às mulheres. O tear era designado ao

feminino por não ser considerado uma atividade digna aos homens. Quem então imaginaria que seria utilizado por uma mulher para enganar por tanto tempo vários desses considerados seres superiores? Penélope utiliza sua *métis* (habilidades) para driblar o contexto patriarcal no qual estava inserida revelando assim sua inteligência. “Torna-se evidente que a tecelagem realizada por Penélope supera as prerrogativas de uma atividade cotidianamente laborativa e passa a expressar a *métis* da qual a rainha se serve para encarar os sórdidos avanços dos pretendentes.” (OUTEIRO, 2015)

Em vários versos presentes em *Linha, Labirinto* é possível encontrar a forte ligação que a autora impôs com o tear. Segundo a própria autora:

A tessitura está muito ligada, simbolicamente, às mulheres, desde a imagem das três moiras responsáveis pela vida humana do nascimento à morte, tecendo e cortando seus fios. O trabalho manual ligado à costura também é tradicionalmente ligado à mulher e a certas características a nós atribuídas, como o cuidado com a vida doméstica e a paciência para trabalhos delicados. (AQUINO, 2020)

Nos versos presentes no poema “Dentro da Noite”, Aquino nos apresenta uma Penélope consciente de que é o seu ato de tecer que traçará o destino de toda a sua história, do marido e do reino de Ítaca. Penélope sabe da importância da sua tarefa e a ressignifica ao seu favor.

Teço com as linhas das mãos  
a cada ponto sua imagem é mais próxima  
teço a mortalha que guardará gerações  
(AQUINO, 2020, p.35)

Aquino transparece essa mesma ciência de Penélope sobre o seu ardil garantir o retorno de Ulisses no poema “Risco”. Penélope tem sua arma mais preciosa em mãos: o seu tear.

Costura e desfia, todos os dia  
a volta segura do marido  
sem saber:  
é ela quem corre perigo.  
(AQUINO, 2020, p.30)

A inferiorização da tessitura, que acontecia por ser um trabalho feminino, impossibilitava que ela fosse vista como uma estratégia utilizada por Penélope. Segundo Sylvia Mello Baptista (1995) foi só a partir do movimento feminista nos anos 70 que o trabalho feminino foi ganhando percepção do seu potencial intelectual e sua capacidade em relação ao homem. Ainda hoje, há muitas diferenças de gênero dentro do mercado de trabalho, que fazem com que mulheres trabalhem mais e recebam menos, por exemplo.

Contudo, Margareth Rago (2004) atenta para o novo lugar que o feminino vem ocupando no imaginário social, na medida em que deixa de ser inferiorizado em relação ao masculino, e para as inovações nas formas de expressão construídas pela cultura feminina na contemporaneidade

### **Considerações Finais**

Penélope é, sem dúvidas, uma grande personagem feminina da história da literatura mundial. O seu papel, assim como o de tantas outras personagens mulheres, não recebeu o destaque merecido, visto que o seu lugar dentro da história literária dependeu das representações de homens, onde o masculino sempre apareceu como superior ao feminino.

Mônica de Aquino, no livro *Linha, Labirinto*, instiga os leitores a lançarem um novo olhar sobre Penélope, o que capacita a observar, com bastante sutileza, sua força, sensibilidade e a importância que a personagem teve para toda a construção da epopeia. A autora ressignifica todos os anos de espera de Penélope, trazendo a visão desta sobre os motivos que a levaram a tanto. Aquino traz à tona questões como a imposição da sociedade sobre mulheres em relação ao matrimônio, a solidão que mães enfrentam quando necessitam criar sozinhas os seus filhos e a desvalorização do trabalho e capacidade feminina. Todas essas questões perduram fortemente nas sociedades atuais e Aquino propõe com maestria um diálogo entre o tempo em que se passou o poema épico e os dias de hoje.

Obras como a de Aquino, trazem reflexões e percepções que passariam facilmente despercebidas a quem somente conhecesse a personagem pela visão de Homero. Portanto, ao longo do estudo, Penélope passa a ser percebida sob a ótica de uma mulher cidadã, ativa na pólis e no oikos, e ainda mais merecedora de enaltecimentos.

Dado o exposto, percebe-se que uma perspectiva voltada ao feminino pode salientar e trazer novas interpretações a personagens e obras como um todo, fortalecendo assim o legado de mulheres dentro da literatura. Esse é um campo com muito a ser explorado e que abre portas para ótimas releituras, como acontece nos poemas de Aquino.

#### **Referências:**

AQUINO, de Mônica. Linha, Labirinto. ed. Macondo. Juiz de Fora, 2020.

AQUINO, de Mônica. O fio da memória: Mônica de Aquino retoma o mito da heroína grega Penélope. Entrevista concedida a Márcia Maria Cruz. Estado de Minas, Minas Gerais, 30 de out. de 2020.

ARISTÓTELES. *A Política*. trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAPTISTA, Sylvia Mello Silva. *Maternidade & profissão: oportunidades de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo – fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BONNICI, Thomas. *Teoria e Crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007

CHKLOVSKI, Viktor. *A arte como procedimento*. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre; Globo, 1973

COUTINHO, Afrânio, COUTINHO, Graça et al. Afrânio Coutinho. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2003

DALCASTAGNÉ, Regina. *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*. Iberic@ 1: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, v. 2, p. 13-18, 2012.

EFRAIM, Raquel. *Penélope, tecelã de enganos*. Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia, v. 4, n. 08, 2012.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Cosac Nayf, 2014.

OUTEIRO, Marina Pereira. Revista Philologus, Ano 24, N° 70. Rio de Janeiro: jan./abr.2018

PADILHA, Fabíola. *Nas malhas de Penélope*. Revista Eletrônica de Estudos Literários-REEL, n. 04, 2008.

PEIXOTO, Afranio. *Panorama da Literatura Brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

PLATÃO. *A República*, livro V. Editora Lafonte; 1ª edição. Janeiro, 2017.

RAGO, Margareth. *Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria*. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Sueli de. A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 31-42.

SCHEID, John; SVENBRO, Jesper. O ofício de Zeus: mito da tecelagem e do tecido no mundo grego-romano. Porto Alegre: CMC, 2010.

